

ASSOCIAÇÃO FLORES DO CAMPO: organização e poder feminino

Zilda Joaquina Cohen Gama dos Santos¹

Giselle Alves Silva²

Ádria Oliveira dos Santos³

RESUMO

Este trabalho buscou apresentar o relato das ações de extensão realizadas em uma Associação de Mulheres Rurais do município de Mojuí dos Campos no Estado do Pará. A partir de uma metodologia dialógica e participativa, as atividades realizadas ocorreram em três etapas: entrevista com a presidente, oficina de empoderamento feminino e oficina do diagnóstico organizacional participativo. A experiência relatada possibilitou reflexões que são compartilhadas e discutidas dialogicamente a partir da abordagem de autores de referência no campo da extensão universitária e das questões de gênero, especialmente no meio rural. Primeiramente, o modo de fazer extensão universitária não pode ser rígido, todo extensionista deve estar aberto a mudanças no seu planejamento. Em segundo lugar, o trabalho com grupos de mulheres não pode estar dissociado das questões de gênero, ou seja, não é possível falar em capacidades organizacionais sem a transversalidade dos inúmeros papéis das mulheres na sociedade, como produtoras, gestoras, mães, avós, filhas, cuidadoras do lar.

Palavras-chave: capacidades organizacionais; extensão; interdisciplinaridade; questões de gênero; mulheres rurais.

ABSTRACT

This paper sought to present the report of extension activities carried out in a Rural Women's Association in the municipality of Mojuí dos Campos in the state of Pará. Based on a dialogical and participatory methodology, the activities carried out occurred in three stages: an interview with the president, a workshop on women's empowerment, and a workshop on participatory organizational diagnosis. The experience reported enabled reflections that are shared and discussed dialogically based on the approach of reference authors in the field of university extension and gender issues, especially in rural areas. Firstly, the way of carrying out university extension cannot be rigid; every extension worker must be open to changes in their planning. Secondly, work with women's groups cannot be dissociated from gender issues, that is, it is not possible to talk about organizational capabilities without considering the numerous roles of

¹ Doutora em Desenvolvimento Rural. Universidade Federal do Oeste do Pará. E-mail: zilda.santos@ufopa.edu.br

² Doutora em Administração. Universidade Federal do Oeste do Pará. E-mail: giselle.silva@ufopa.edu.br

³Mestra em Ciências da Sociedade. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: adriaoliveirastm@gmail.com

women in society, such as producers, managers, mothers, grandmothers, daughters, and homemakers.

Keywords: organizational capacities; extension; interdisciplinarity; gender issues; rural women.

INTRODUÇÃO

De acordo com dados do Censo Agropecuário 2017, atualizado em 2022, cerca de 19% dos estabelecimentos da agricultura familiar no Brasil já contam com liderança feminina, refletindo a crescente participação das mulheres no setor em relação ao Censo de 2006, que era de 13%. Além disso, mais de 30% das associações rurais no País são lideradas por mulheres, evidenciando seu protagonismo na organização coletiva e no fortalecimento do associativismo no meio rural (IBGE, 2022).

A participação feminina no associativismo rural em contexto amazônico tem se mostrado essencial para o desenvolvimento sustentável e a promoção da equidade de gênero na região. O estado do Pará exemplifica esse cenário, em que 20% dos estabelecimentos são gerenciados por mulheres, somando 57.473 propriedades, de acordo com os dados atualizados do IBGE em 2022. Essas agricultoras dedicam-se principalmente ao cultivo de lavouras temporárias, quintais agroflorestais e criação de pequenos animais, atividades que visam à segurança alimentar e à geração de renda para suas famílias (Rodrigues *et al.*, 2021).

Contudo, não obstante a presença cada vez maior das mulheres na liderança de Associações Rurais e no engajamento delas nas pautas sociais e políticas dos movimentos sociais, observa-se a necessidade de suporte para esse grupo social que por muito tempo permaneceu à margem dos espaços de decisão. A “invisibilidade” da mulher e o baixo acesso às políticas ainda são elementos marcantes no meio rural amazônico, evidenciando a necessidade de políticas que promovam maior equidade de gênero e valorizem o papel das mulheres no desenvolvimento rural.

Iniciativas locais têm buscado reverter esse cenário, fortalecendo o empoderamento feminino, entendido aqui como o alargamento ou reforço do poder (Barquero, 2012), por meio do associativismo. É o caso do Programa de Extensão “Incubadora de Empreendimentos Econômicos Solidários (Iecosol/Ufopa)”, que fomenta uma série de projetos protagonizados por mulheres. Uma das iniciativas mais antigas é a Feira da Agricultura Familiar (faf/Ufopa), criada em 2016. Esse projeto reúne um grupo informal de aproximadamente 16 pessoas, sendo 90% delas mulheres, que atuam na agricultura familiar, artesanato e produtos processados,

tendo como principais itens de comercialização hortaliças, derivados da mandioca, óleos, ovos, frutas regionais, polpas, lanches, artesanato indígena, artesanato em geral e plantas. Elas são provenientes de sete associações dos municípios de Santarém, Belterra e Mojuí dos Campos, e comercializam sua produção nas dependências da Universidade, todas as quintas-feiras. A Faf/Ufopa se constitui uma ferramenta para a construção do empoderamento feminino, a partir do momento que propicia a troca de experiências, conhecimentos e comercialização de produtos. As principais conquistas envolvem aumento de renda, maior autonomia econômica e a valorização de seu trabalho na comunidade (Santos *et al.*, 2022).

Ao acompanhar o trabalho das mulheres da Faf/Ufopa que, em sua maioria, atuam como lideranças em suas respectivas entidades organizativas, a Iecosol identificou uma fragilidade significativa nessas instituições, especialmente no que diz respeito à gestão. Para enfrentar esse desafio, foi desenvolvido o projeto de extensão “Fortalecimento das capacidades organizacionais de mulheres agroextrativistas”, composto por duas professoras, duas alunas voluntárias e uma colaboradora externa. Esse projeto tem como principal objetivo realizar um diagnóstico participativo das capacidades organizacionais de duas associações de mulheres, além de implementar ações voltadas ao fortalecimento do grupo e das entidades.

Considerando o exposto, este trabalho apresenta um relato de experiência sobre o Diagnóstico Organizacional Participativo e as ações de intervenção realizadas em uma dessas associações, a Associação de Mulheres da Agricultura Familiar de Mojuí dos Campos (Flores do Campo). A escolha dessa associação se justifica pelo fato de algumas de suas integrantes participarem da Faf/Ufopa, além do vínculo estreito que a Flores do Campo mantém com outros projetos da Iecosol ao longo dos dez anos de existência do Programa.

1 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O Diagnóstico Organizacional Participativo (DOP) é uma ferramenta adaptada pelo projeto a partir de um instrumento desenvolvido pela Cooperação Alemã – GIZ (2019) em parceria com o Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), denominado Desenvolvimento Organizacional para Empreendimentos de Base Comunitária. De acordo com Reginato (2020), existem diversas ferramentas que podem ser utilizadas no diagnóstico organizacional participativo. O uso de cada uma delas depende dos objetivos do grupo alvo da intervenção.

Antes de realizar o diagnóstico organizacional participativo com a Flores do Campo, foi feita uma entrevista com a presidente da associação com o objetivo de conhecer melhor a

história da entidade, entender o seu momento atual e aprofundar questões que eram de conhecimento das autoras de forma superficial. Para tal, foi elaborado um roteiro de entrevista, e o resultado nos levou para um caminho que não havia sido planejado, mostrando a necessidade de uma oficina que trabalhasse o empoderamento feminino com o grupo antes de realizar o DOP.

A inserção de uma oficina que não estava no planejamento inicial do projeto implicou a necessidade de mobilizar outras dimensões para além dos aspectos organizacionais, bem como a apropriação pela equipe do projeto de dinâmicas específicas para abordar a nova dimensão colocada, o empoderamento feminino.

De modo a evidenciar o percurso metodológico realizado com a Associação Flores do Campo, apresenta-se a Figura 1, a seguir:

Figura 1 – Fluxo metodológico



Fonte: Elaboração própria, 2025.

No decorrer do projeto, houve alteração do planejamento inicial, que previa apenas a realização de entrevistas e a execução do DOP. Contudo, devido à necessidade apontada pela própria organização, foi incluída uma oficina de Empoderamento Feminino, com o objetivo de abordar o baixo engajamento das mulheres e a concentração das atividades da entidade em um número limitado de integrantes. Esse fato demonstra a importância de construir projetos de extensão de forma participativa com os grupos com os quais pretendemos trabalhar, evitando, assim, a imposição de ações de “cima para baixo”, a implantação de modelos prontos, o desperdício de recursos e de tempo e, principalmente, tornando as ações de extensão mais efetivas. Aspecto que corrobora com Freire (1983), ao afirmar que a extensão universitária deve edificar-se sobre bases dialógicas, de troca mútua, em que a sociedade elimine postura passiva, meramente receptora dos “benefícios”, e passe a assumir seu papel de participante ativo no processo, contribuindo também para a construção do conhecimento.

2 – RELATO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

Essa seção apresenta o relato das oficinas realizadas junto à Associação Flores do Campo. Contudo, antes do relato, será apresentado breve histórico da constituição da Associação, bem como caracterização geral do seu estágio atual, a partir das informações obtidas na entrevista com a presidente da Associação.

2.1 - Histórico de formação da Associação Flores do Campo

A Associação de Mulheres Trabalhadoras Rurais de Mojuí dos Campos (Flores do Campo) floresce no ano de 2015, a partir da trajetória de um grupo de mulheres agricultoras da comunidade rural Terra Preta dos Lúcios no município de Mojuí dos Campos - PA. Essas mulheres reuniam-se para trocar e buscar novos conhecimentos, nesse momento ainda como grupo informal em um território de produção familiar, que contava com o apoio do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais do município de Mojuí dos Campos (STTR-MC) para acessar formação em diversos temas.

Nesse período, os municípios de Mojuí dos Campos, Belterra e Santarém que formam a Região Metropolitana de Santarém, sofriam pela forte pressão do avanço do monocultivo da soja ao longo da BR 163. As mulheres, ao observarem o que ocorria em outras comunidades, em que muitos agricultores foram obrigados a vender suas terras para produtores de soja, e observando o crescimento acelerado do uso de agrotóxicos, motivaram o grupo a buscar capacitação, especialmente sobre defensivos naturais como alternativa. Nesse contexto, as mulheres foram apresentadas ao termo Agroecologia e, por meio de colaboração mútua, também criaram canais de comercialização para seus produtos.

Com o incentivo da Secretaria das Mulheres do STTR-MC, surgiu a ideia de formalizar o grupo como uma associação, promovendo a organização coletiva, a construção de suas pautas, e o reconhecimento da atuação desse grupo de mulheres trabalhadoras rurais. O processo também contou com o apoio de projetos do Fundo Luzia Dorothy do Espírito Santo, vinculado ao Fundo Dema, que fomentava organizações coletivas de trabalhadoras rurais e a agroecologia. Para além desses apoios, as mulheres organizaram rifas e bingos para custear os trâmites burocráticos necessários para a formalização. E então, em 18 de maio de 2017, o grupo de mulheres da comunidade de Terra Preta dos Lúcios, formado por 43 mulheres, tornou-se a Associação de Mulheres Agricultoras Familiares de Mojuí dos Campos (Flores do Campo), tendo seu registro oficializado no início do ano de 2018.

Desde então, a constituída associação vem propiciando abertura para novos aprendizados e ampliação de participação de suas associadas em novos espaços de tomada de decisão, a exemplo da participação na Marcha das Margaridas em 2019. O acesso a recursos por meio de projetos, a exemplo do Fundo Casa, Fundo Dema e outros, foram importantes para o fortalecimento institucional.

A pandemia causada pelo coronavírus SARS-CoV-2 (COVID-19) trouxe muitos desafios para a organização que estava se consolidando, mas também possibilitou o envolvimento e protagonismo das mulheres da Flores do Campo no enfrentamento dos impactos que a pandemia trouxe. A associação participou de diversos projetos voltados à comercialização de seus produtos, que integraram cestas básicas com itens da Agricultura Familiar, distribuídas na região de Santarém para famílias em situação de vulnerabilidade socioeconômica. Essas iniciativas proporcionaram, naquele momento, uma importante fonte de geração de renda para as famílias das associadas.

A Associação, que atualmente é composta por 45 mulheres, distribuídas nas comunidades de Mojuí dos Pereira, Terra Preta dos Lúcios, Portelinha, Boa Fé, Castanhal dos Cavaqueiros, São Francisco do Moju e Rainha da Floresta, possui papel fundamental na economia local, promovendo autonomia econômica e segurança alimentar, com a produção e comercialização de produtos agroecológicos como hortaliças e frutas, criação de galinhas, além de plantas ornamentais e medicinais. Em fevereiro de 2025, por meio do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e em parceria com instituições governamentais, a Associação entregou cerca de uma tonelada e meia de alimentos para 250 famílias em situação de vulnerabilidade.

A partir de diversas ações, a Associação tem se consolidado como exemplo de empoderamento feminino e empreendedorismo na região. Ao fortalecer a agricultura familiar com foco na agroecologia, gerar renda e promover a segurança alimentar, a organização não apenas transforma a realidade de suas associadas, mas também impacta positivamente nas comunidades. A valorização do trabalho das mulheres, aliada a iniciativas de apoio técnico e financeiro, demonstra a importância da coletividade e da autonomia feminina na construção de espaços resilientes.

Não obstante essas conquistas, durante a entrevista com a presidenta, ficou nítida a preocupação com a sucessão, haja vista que desde a criação da Associação ainda permanece a mesma presidenta, que no momento encontra-se no seu segundo mandato. Um dos motivos para tal preocupação se deve ao fraco envolvimento das associadas nas questões referentes à gestão da Associação, fato que, na visão da presidenta, se deve a dois fatores: a) pouca autoconfiança

das associadas, que não se sentem capazes de estar em cargos de liderança e; b) as muitas atividades às quais as mulheres, de um modo geral, são submetidas, que vão desde o trabalho doméstico, o trabalho do cuidado com filhos, netos, pais etc., e que concorrem diretamente com o trabalho de agricultoras e compromete o maior envolvimento delas junto à Associação.

Dessa forma, considerando a necessidade de desenvolver ações de estímulo à maior participação das associadas nas questões organizacionais, decidiu-se pela realização de uma oficina de empoderamento feminino antes da oficina de diagnóstico organizacional participativo.

2.2 - Relato da primeira Oficina de Empoderamento Feminino

A oficina foi realizada em abril de 2024 e contou com a participação de doze associadas, além da equipe do Projeto. Iniciou com a apresentação da equipe e dos objetivos do encontro. Em seguida foi realizada uma dinâmica de autoacolhimento e sentido das próprias emoções, guiada por uma das integrantes da equipe do Projeto. A dinâmica foi utilizada como ferramenta para fortalecer o vínculo do grupo e promover um espaço seguro de escuta e expressão. Essa atividade teve como objetivo possibilitar que cada participante reconhecesse e acolhesse suas emoções, criando um ambiente de confiança e empatia entre as mulheres envolvidas no projeto.

A dinâmica consistiu em uma atividade de respiração consciente e uma breve meditação guiada, quando cada mulher foi incentivada a acolher suas próprias emoções com gentileza, reconhecendo sua força e importância no coletivo, propiciando também autoacolhimento e fortalecimento coletivo. Essa metodologia visou estimular a consciência emocional, promover o bem-estar e fortalecer o espírito de cooperação e sororidade entre as mulheres. Ao final, as participantes realizaram um exercício coletivo de aceitação, reconhecendo a importância de cuidar de si e do outro no processo de construção coletiva. Após esse momento de autoacolhimento, foi realizada uma dinâmica na qual cada associada descrevia as qualidades das outras em um pedaço de papel, que circulava entre todas até chegar à pessoa inicial. Ao final, cada uma das mulheres recebeu o seu papel, com o conjunto de qualidades que o grupo lhe atribuiu, e a dinâmica foi concluída com uma discussão sobre como elas recebiam as qualidades atribuídas por suas colegas, constituindo-se assim em um momento de autorreflexão.

Em seguida foi apresentado o vídeo intitulado Empoderamento das mulheres, produto da parceria entre o Instituto Coca-Cola Brasil e a ONU Mulheres, em colaboração com o Instituto Brasileiro de Administração Municipal – IBAM. O vídeo trouxe alguns questionamentos ilustrados como: “Imagine se alguém tomasse todas as suas decisões por você.

Como você deveria se vestir? Qual deveria ser a sua carreira? Com quem você deveria se relacionar? Agora, imagine que sua opinião nunca fosse ouvida em decisões que afetam diretamente a sua própria vida. Que você nunca tivesse a oportunidade de escolher. Infelizmente, essa é a realidade de muitas pessoas, especialmente de muitas mulheres”, para chamar a atenção das mulheres na atividade, e incentivá-las a refletir sobre o empoderamento feminino.

Figura 2 – Associada em momento de fala das suas qualidades a partir da visão das demais associadas (à esquerda) e associadas assistindo à apresentação do vídeo sobre empoderamento feminino (à direita)



Fonte: Acervo do projeto

O objetivo foi mostrar que o empoderamento não é apenas um conceito abstrato e que influencia diretamente no dia a dia das mulheres, referindo-se a conquista de autonomia, poder de decisão sobre suas próprias vidas, suas escolhas, decisões sobre seus próprios corpos, suas casas, seus trabalhos, entre outras tomadas de decisão.

Após a apresentação do vídeo, foi pedido que cada uma falasse o que entende por empoderamento feminino, e se sentiam-se mulheres empoderadas e por quê. As respostas mostraram que, para a maioria, o fato de participarem da Associação era uma atitude de empoderamento feminino, porque elas conquistaram esse espaço e, a partir dele, muitas conquistas foram alcançadas, sobretudo devido ao acesso a conhecimentos e à independência financeira que a participação de uma associação produtiva representa.

Para finalizar a oficina, foi realizada uma atividade de diagnóstico organizacional, baseada na matriz FOFA, que visa identificar por meio do diálogo entre as integrantes, quais as

Forças e Fraquezas relacionadas ao ambiente interno da entidade; e as Oportunidades e Ameaças que o ambiente externo lhes apresenta. O objetivo dessa fase foi ouvir a percepção das próprias integrantes sobre o estágio atual da entidade, apontando aspectos positivos e negativos; além de estimulá-las à participação mais ativa nos processos da organização.

2.3 - Relato da Segunda Oficina de Diagnóstico Organizacional Participativo

A partir das informações coletadas na entrevista com a presidente, optou-se pelo uso de três ferramentas na Flores do Campo, quais sejam: o Mapa da Rotina Organizacional, o Mapa de Recursos Financeiros e o Relatório da Situação Econômico-financeira, que serão descritos a seguir. Essa oficina foi realizada em setembro de 2024 e contou com a participação de dezenas associadas.

1) Mapa da Rotina Organizacional (MRO)

O mapa da Rotina Organizacional permite identificar se existem disfunções e sobreposições de atividades no funcionamento da Associação. Ele tem como objetivo sistematizar as atividades da organização, esclarecer responsabilidades, dividir tarefas e promover o equilíbrio entre elas (Reginato, 2020).

Na Flores do Campo foram mapeadas seis atividades, e para cada uma delas foram respondidas as seguintes perguntas: 1) Quando a atividade é realizada? 2) Quem é o responsável? 3) A atividade está planejada? 4) A atividade funciona bem? 5) Quais são as dificuldades para realizar a atividade? Os resultados são apresentados no Quadro 1.

Quadro 1 – Resultado do Mapa da Rotina Organizacional da Flores do Campo

O quê?	Organização das mulheres para participar de feiras	Organização de oficinas e reuniões temáticas	Organização para concorrer ao PAA e PNAE	Organização para entrega ao PAA e PNAE	Organização da documentação	Organização da gestão financeira
Quando?	Recebem convites	Esporádicas	1 vez por ano	Mensal	1 vez por semana	Contínuo
Quem?	Presidenta e secretaria de finanças	Presidenta	Presidenta e parceiros (Ufopa e Emater)	Todas	Sócia (era para ser a secretaria e o contador)	Tesoureira e contador
Está planejado?	Sim	Sim	Sim	Sim	Não	Não
Funciona?	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Dificuldades	Transporte	Participação	Elaboração	Transporte	Não mapeada	Não

?			dos projetos			mapeada
---	--	--	--------------	--	--	---------

Fonte: Elaborado de forma participativa na Oficina, 2024.

O mapeamento da rotina organizacional apontou para concentração de atividades na Presidenta da Associação, apenas uma atividade foi compartilhada com a tesoureira. Ou seja, apesar de a Associação possuir estrutura organizacional formada por: presidenta, vice-presidenta, 1^a secretária, 2^a secretária, diretora social e tesoureira, a maioria das atividades de gestão é conduzida pela Presidenta. Observou-se ainda desconhecimento das integrantes da atual diretoria sobre as atribuições do cargo que ocupam.

2) Mapa de Recursos Financeiros (MRF)

O Mapa de Recursos Financeiros tem como objetivo analisar as fontes e o gerenciamento dos recursos da Associação. De forma secundária, ele ajuda a nivelar os conhecimentos entre os participantes do grupo e a direção, tornando transparente a situação financeira da organização (Reginato, 2020).

O instrumento foi conduzido a partir do direcionamento de cinco perguntas: 1) Quais as fontes de recursos que mantêm a Associação? 2) Quanto deve entrar nessa fonte? 3) Onde esse recurso é aplicado? 4) Quem é o responsável pelo recolhimento? 5) Existe prestação de contas desse recurso? Os resultados são apresentados no Quadro 2.

Quadro 2– Resultado do Mapa de Recursos Financeiros da Flores do Campo

Quais as fontes de recursos?	Contribuição mensal das associadas	Projetos
Quanto deve entrar?	R\$ 180 por mês	Depende do Edital
Onde o recurso é aplicado?	Pagar o contador (cobra por serviço) e o certificado digital	Depende do Edital: produção, formação, organização.
Quem é o responsável pelo recolhimento?	Tesoureira	Presidenta e tesoureira
Existe prestação de contas?	Não. Há o relatório anual de prestação de contas, mas não é compartilhado com o grupo.	Sim, para o financiador somente.

Fonte: Elaborado de forma participativa na Oficina, 2024.

Na atividade de MRF identificou-se que as associadas não possuem o hábito de pagamento da contribuição mensal de R\$ 5,00 (cinco reais), elas deixam vencer e pagam de uma única vez as mensalidades do ano inteiro, e assim deixar de formar um caixa mensal para a Associação. Os recursos financeiros predominantes da gestão organizacional são provenientes dos editais de fomento, sendo o mais recente o Edital “Mulheres Empreendedoras da Floresta”,

uma iniciativa da Organização não Governamental (ONG) Saúde e Alegria em parceria com o Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Santarém (STTR) com recursos da União Europeia. A primeira parcela recebida foi no valor de R\$ 35 mil, que permitiu a aquisição de bens para fomento da atividade produtiva e para gestão. Os bens aquiridos foram: carro de mão, galinhas, roçadeira, sementes, equipamentos, comedouro, computador e impressora. A forma de governança dos equipamentos, que serão compartilhados por todas associadas, ainda não estava definida.

O mapa de recursos financeiros mostrou que a Associação tem uma única fonte de recursos fixa – a mensalidade das associadas, que é um valor desatualizado e que ainda assim não possui regularidade na entrada do recurso. Além disso, a ausência de prática sistemática de prestação de contas para todo o grupo é um aspecto que precisa ser repensado, uma vez que promover maior transparência pode fortalecer o engajamento das associadas e ampliar o comprometimento coletivo com a gestão financeira da organização.

3) Relatório de Situação Econômico-financeira (RSEF)

O RSEF é um demonstrativo da capacidade de a entidade gerar e gastar recursos. Ele tem como objetivo promover o entendimento compartilhado da situação econômico-financeira da Associação (Reginato, 2020). Os resultados são apresentados no Quadro 3.

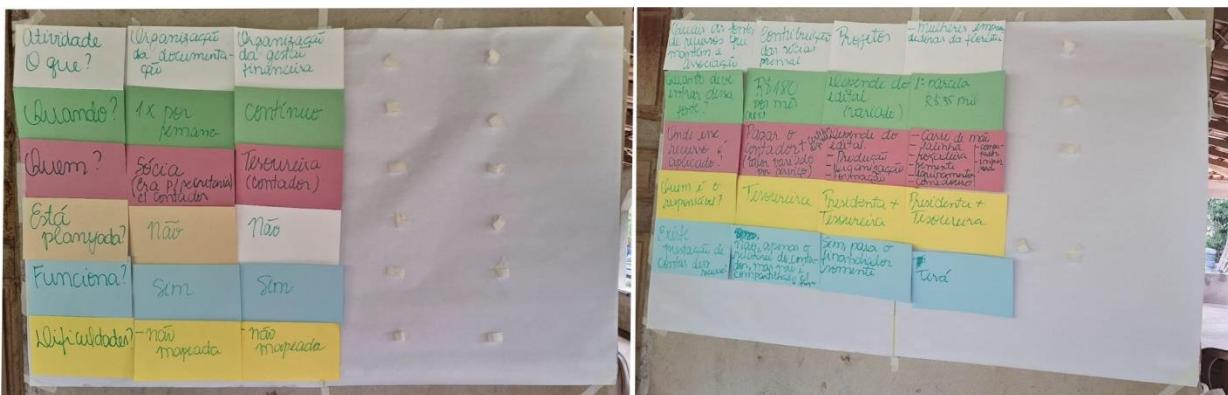
Quadro 3 – Resultado da situação econômico-financeira da Flores do Campo

Ativos	Passivos
Notebook	Alvará anual
Impressora	Contador (pago por serviço)
13 cadeiras de plástico	Impostos anuais
5 mesas de plástico	Certificado digital
1 mesa de escritório	
2 freezers	
1 despolpadeira	
2 liquidificadores industriais	
1 seladora	
2 balanças	
2 mesas/bancadas de inox	
1 forrageira	
1 multicultivador	

Fonte: Elaborado de forma participativa na Oficina, 2024.

Devido ao tempo insuficiente, não foi possível mensurar os valores dos ativos e passivos da organização; porém essa tarefa ficou para a diretoria complementar posteriormente.

Figura 3 – Representação do Diagnóstico Organizacional Participativo da Associação na 2ª oficina, resultados Mapa da Rotina Organizacional (MRO) (à esquerda) e resultados Mapa de Recursos Financeiros (MRF) (à direita)



Fonte: Acervo projeto

Observou-se que, como a Associação já participou de vários editais de fomento, ela possui variedade de equipamentos para dar suporte às atividades produtivas das associadas, porém como a organização não possui sede própria, esses equipamentos encontram-se dispersos, sendo que alguns estão na sede do STTR de Mojuí dos Campos e outros encontram-se na casa da presidente. Além disso, não foram identificadas as regras de uso desses equipamentos, sendo este um gargalo que precisa ser resolvido pela diretoria.

3 – DISCUSSÃO CRÍTICA

A ação de extensão conduzida pela Iecosol junto à Associação Flores do Campo mostrou que, de fato, quando se trata de coletivos de mulheres, as questões de gênero não podem estar dissociadas das questões organizacionais. Ou seja, mesmo o projeto tendo foco nas capacidades organizacionais, foi inevitável trabalhar as questões de gênero identificadas na entrevista com a presidente da Associação, que apontou a baixa autoconfiança das associadas como um fator fundamental a ser trabalhado no grupo com a ajuda do Projeto.

Estudos voltados para as mulheres rurais já apontam que esse grupo social possui acúmulo de tarefas maior do que as mulheres urbanas. São atividades de cuidado com o lar e as pessoas da família que dividem espaço com as atividades produtivas do núcleo familiar (Herrera, 2016; Pereira; Carneiro, 2019).

A oficina de empoderamento feminino realizada com a Flores do Campo foi, a princípio, um desafio para o Projeto, pois não fazia parte da proposta inicial, o que implicou a necessidade de adequação do projeto às demandas da associação, mostrando que ações de extensão não devem e nem podem ser impostas, precisam ser construídas em parceria com o público alvo.

Além disso, contatou-se que ações de extensão voltadas ao empoderamento feminino são fundamentais para fortalecer os grupos de mulheres rurais e que o desenvolvimento de dinâmicas e ferramentas adequadas a esse público deve fazer parte da pauta dos projetos de extensão.

No que tange ao Diagnóstico Organizacional Participativo da Associação Flores do Campo, a ferramenta mostrou-se útil para apontar alguns aspectos que precisam ser aprimorados na gestão da organização. Entre esses aspectos destaca-se: 1) a concentração de atividades na presidente da Associação, não obstante haver uma estrutura organizativa, com secretaria, tesoureira e diretoria social; 2) falta de regras de governança para uso dos equipamentos compartilhados da Associação; e 3) contribuição financeira irregular e insuficiente das associadas.

Com relação ao primeiro aspecto, destaca-se que ele é fruto do pouco engajamento das associadas nas atividades de gestão, que implica a pouca participação nas ações e decisões mesmo das que compõem a Diretoria. Como solução, propõe-se a implementação de estratégias que estimulem o maior engajamento das associadas, tais como: a) a oficina de Empoderamento Feminino realizada pelo Projeto “Fortalecendo as capacidades organizativas de associações de mulheres agroextrativistas” da Iecosol/Ufopa; b) realização de reuniões de prestação de contas; c) busca, junto a parceiros, de cursos de capacitação em gestão de organizações coletivas; d) criação de novos cargos na Diretoria, a exemplo da diretoria de comunicação para dar visibilidade às ações realizadas pelo grupo; e) criação de um espaço acolhedor para as associadas mães que eventualmente não participam das reuniões porque não têm com quem deixar seus filhos; e f) criação de um calendário de encontros para a Associação, com reuniões mais frequentes e agendamento antecipado.

Quanto ao segundo aspecto, observa-se que ele pode ser consequência do primeiro, visto que em face da concentração de atividades a presidente ainda não conseguiu dispor de tempo para sistematizar as regras de uso.

Quanto à contribuição financeira irregular e insuficiente das associadas, observa-se que tais práticas comprometem a capacidade de geração de um caixa para a Associação, dificultando a realização de novas ações estratégicas para fortalecimento do grupo e, consequentemente, da

própria entidade. Por fim, como toda ação de extensão, os aprendizados compartilhados não ficam apenas com o público assistido, muitas lições foram apreendidas pela equipe do projeto que serão consideradas no desenho de outras ações semelhantes a essa empreendida junto à Associação Flores do Campo.

CONCLUSÕES

O relato de experiência de um projeto de extensão que objetiva promover o fortalecimento das capacidades organizativas de associações de mulheres agroextrativistas em contextos amazônicos é de grande relevância para o contexto acadêmico e social. Sua contribuição é significativa, pois aponta um caminho possível para o melhoramento da gestão dessas entidades representativas de mulheres na zona rural, que são um instrumento de ampliação de poder econômico, mas também de luta por direitos, valorização e políticas públicas voltadas a esse público historicamente invisibilizado.

A experiência da Incubadora de Empreendimentos Econômicos Solidários (Iecosol/Ufopa) ao realizar um Diagnóstico Organizacional Participativo (DOP) e oficinas de empoderamento feminino revela pontos fortes e desafios importantes para o desenvolvimento dessas associações.

Como pontos fortes da Flores do Campo destacam-se a potência da organização coletiva das mulheres da zona rural, a expertise criada no acesso a recursos de editais, impacto econômico na vida das mulheres e do Município, e a participação em programas governamentais.

Dentre os desafios, destacam-se a concentração das atividades na figura da Presidente, resultante do baixo engajamento das associadas, a ausência de regras de compartilhamento dos equipamentos, e as questões relativas a gênero. Estas incluem problemas de autoconfiança e a sobrecarga de tarefas das mulheres do campo com os trabalhos domésticos e familiares não remunerados, conjuntura que não pode ser desconsiderada ao elaborar estratégias de fortalecimento da gestão dessas entidades. Nesse contexto, torna-se indispensável trabalhar a temática do Empoderamento Feminino, para auxiliar na superação dessas dificuldades.

Em suma, o projeto destacou a importância de elaborar Diagnóstico Organizacional Participativo de maneira integrada ao Empoderamento Feminino. A experiência da Associação Flores do Campo oferece valiosas lições para outras iniciativas semelhantes, reforçando a necessidade de construir ações de extensão de forma participativa e adaptada às necessidades e

realidades dos grupos de mulheres rurais. Os aprendizados compartilhados não ficam apenas com o público assistido, mas também com a equipe do Projeto, que pode considerar esses aprendizados no desenho de outras ações semelhantes.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todas as associadas da Flores do Campo por disporem do seu tempo para participar das oficinas desenvolvidas pelo projeto, em especial a sua presidenta, que é um exemplo de liderança feminina no meio rural da Amazônia.

Agradecemos também à Pró-Reitoria de Cultura, Comunidade e Extensão e ao curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Oeste do Pará, pelo apoio logístico para a execução do Projeto.

Por fim, agradecemos aos colegas professores e alunos que fazem parte da Iecosol/Ufopa, pelos aprendizados compartilhados.

REFERÊNCIAS

BARQUERO, R.V.A. Empoderamento: instrumento de emancipação social?: uma discussão conceitual. **Revista Debates**, Porto Alegre, n. 1, v. 6, 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/debates/article/view/26722>. Acesso em: 26 mar. 2025.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** 7. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

GIZ. **Desenvolvimento Organizacional Participativo:** fortalecimento de organizações de base. Brasília, 2019

HERRERA, K.M. Da invisibilidade ao reconhecimento: mulheres rurais, trabalho produtivo, doméstico e de care. **Política & Sociedade**, Florianópolis, vol. 15, 2016.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Estatísticas de gênero:** Indicadores sociais das mulheres no Brasil. Brasília, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/genero.html>. Acesso em: 20 fev. 2025.

PEREIRA, A.S; CARNEIRO, E.A. Letramento e empoderamento feminino na Associação de mulheres rurais Saquinho. **Revista ComSertões**, Juazeiro-BA, v. 7, n. 1, 2019.

REGINATO, A.P. **Guia de atividades de desenvolvimento organizacional, empreendedorismo e comercialização para empreendimentos de base comunitária.** Brasília: GIZ, 2020.

RODRIGUES, H.E; COUTO, M.H.S.H.F; SILVA, R.N.P; BRABO, M.F; SANTOS, M.A.S. Mulheres na agricultura familiar: uma análise no estado do Pará. Guaju: **Revista Brasileira de desenvolvimento territorial sustentável**, 7(2), p. 237-263, 2021. <https://doi.org/10.5380/guaju.v7i2.80645>.

SANTOS, Z.J.C.G; SILVA, G.A; EVANGELHISTA, A.C.S; SOUSA, B. P. Elas no poder: economia solidária e participação feminina na Feira da Agricultura Familiar da UFOPA. **NAU Social**, 13(24), p. 1055-1072, 2022. <https://doi.org/10.9771/ns.v13i24.44327>. Acesso em: 23 fev. 2025.